



Português de contato com alemão como língua de imigração em uma comunidade rural brasileira: resistindo à elevação das vogais /e, o/ em sílaba átona aberta em final de vocábulo

Portuguese in contact with German as an immigration language in a Brazilian rural community: Resisting the variable rising of /e, o/ in unstressed, open final syllables

*Elisa Battisti**

*Eugenio Roberto Link***

RESUMO: O artigo investiga a elevação variável das vogais médias /e, o/ postônicas finais (film[e] ~ film[i], tud[o] ~ tud[u]) no português de contato com alemão em uma comunidade rural do sul do Brasil na perspectiva da sociolinguística variacionista (LABOV, 1972). Os baixos índices de elevação, 3,2 % de aplicação a /e/, 13 % de aplicação a /o/, são motivados por um traço morfossintático da língua de imigração e condicionados pelos contextos fonológico precedente e seguinte.

PALAVRAS-CHAVE: Vogais médias /e/, /o/. Elevação vocálica em sílaba átona final. Português brasileiro de contato com alemão.

ABSTRACT: The paper analyzes the variable rising of vowels /e, o/ in unstressed, open final syllables (film[e] ~ film[i] 'film', nov[o] ~ nov[u] 'new') in Portuguese in contact with German in a rural community in the South of Brazil in the perspective of the variationist sociolinguistics (LABOV, 1972). The low rates of rising, 3.2% of application to /e/ and 13% of application to /o/, are motivated by a morphosyntactic characteristic of the language of immigration and conditioned by the preceding and following phonological contexts.

KEYWORDS: Mid vowels /e, o/. Vowel rising in unstressed word-final syllable. Brazilian Portuguese in contact with German.

* Doutora em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul/CNPq. <https://orcid.org/0000-0002-6701-4218>, battisti.elisa@gmail.com

** Doutor em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <https://orcid.org/0000-0002-6456-4417>, eulink@gmail.com

1. Introdução

Este artigo investiga a elevação variável das vogais médias /e, o/ em sílaba átona aberta em final de palavra (nom[e] ~ nom[i], jog[o] ~ jog[ɔ]) no português brasileiro de contato com o alemão como língua de imigração¹. A comunidade de fala estudada é Esquina Barra Funda, situada na zona rural do município de Novo Machado, no noroeste do Rio Grande do Sul. Esquina Barra Funda é uma pequena comunidade fundada por imigrantes alemães² no começo do século XX³. Nela convivem, hoje, bilíngues português-alemão⁴ e monolíngues-português.

Uma primeira impressão, de oitiva⁵, do português falado em Esquina Barra Funda é a de que a proporção de elevação das vogais médias /e, o/ em final de palavra (doravante apenas ‘elevação’) seja muito baixa. A comunidade parece estar resistindo a um processo já bastante difundido em outras variedades de português brasileiro,

¹ De acordo com Altenhofen e Margotti (2011, p. 297-298), o termo português de contato designa “o português da comunidade bilíngue, [...] uma variedade falada tanto por bilíngues quanto por monolíngues, na qual se reconhecem traços associados à presença de uma língua de adstrato, em uma determinada área.” Os mesmos autores definem línguas de imigração “como línguas: (1) originárias de fora do país (alóctones) que, no novo meio, (2) compartilham o status de língua minoritária.” (ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011, p. 290).

² Os imigrantes que primeiramente chegaram ao município de Novo Machado eram na maioria oriundos da Alemanha, mas também da Letônia, Lituânia, Romênia, Estônia, Rússia, Polônia. Desses, estabeleceram-se em Esquina Barra Funda principalmente imigrantes alemães e seus descendentes (SCHEID; PRIEBE, 1997).

³ Segundo Scheid e Priebe (1997), Novo Machado, alçado a município em 1992, nasceu bem antes, em 1918. Era então Linha Machado, localidade do distrito de Santa Rosa, pertencente ao município de Santo Ângelo. Já a comunidade de Esquina Barra Funda foi estabelecida em 1940. Novo Machado tinha em 2010 (cf. IBGE em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/200#resultado>. Acesso em: 11 jan. 2019) 3.927 habitantes, 1.553 dos quais residentes na zona urbana, 2.374 na zona rural. Esquina Barra Funda tem atualmente 328 habitantes, com base no registro de usuários da água do poço (artesianos) central, consultado *in loco* em julho de 2018 por um dos autores deste artigo.

⁴ Dos habitantes de Esquina Barra Funda, 82 % são bilíngues, conforme pesquisa de autor para a tese de doutorado (em andamento). São em maioria bilíngues produtivos, nos termos de Baetens Beardsmore (1986), falam e compreendem português e alemão. Estes afirmam falar ‘alemão’ ou ‘dialeto alemão’, sem designar uma variedade de alemão em específico como o *Hunsrückisch*, falada em outras regiões do Rio Grande do Sul. Alguns afirmam falar ‘alemão russo’, opondo-o ao ‘outro alemão’. Empregaremos neste artigo a denominação genérica ‘alemão’ para designar a variedade ou conjunto de variedades falada(o) localmente.

⁵ Um dos autores do presente artigo nasceu e cresceu em Esquina Barra Funda. Hoje vive em Porto Alegre, mas retorna periodicamente à comunidade, onde residem seus familiares.

faladas principalmente em centros urbanos como Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, onde a elevação é superior a 80 % (VIEIRA, 2002). O fato de Esquina Barra Funda localizar-se na zona rural pode motivar o contraste, como sugerem os estudos de Silva (2009) e Mileski (2013), sobre a elevação em comunidades rurais. No entanto, o contato com o alemão também deve estar associado à baixa aplicação da regra. Nos trabalhos pioneiros de Schmitt (1987) e Vieira (1994), realizados na linha a ser adotada aqui, a da sociolinguística variacionista⁶ laboviana (LABOV, 1972, 1994, 2001), o controle da variável Etnia⁷ revela uma diferença estatisticamente significativa nos índices de elevação, maiores na fala de monolíngues-português de Porto Alegre, menores na fala de bilíngues português-alemão, bilíngues português-italiano, menores também na fala de monolíngues-português em contato com hispanofalantes.

O presente estudo contempla a elevação no português de contato com o alemão em uma comunidade rural, com dados levantados de entrevistas sociolinguísticas realizadas em 2014 (LINK, 2015). Estudos anteriores (SCHMITT, 1987; VIEIRA, 1994) investigam o contato com o alemão, mas o fazem com dados coletados há mais de quarenta anos em comunidade majoritariamente urbana⁸, com um número reduzido

⁶ Segundo Oushiro (2014, p. 134), “a sociolinguística variacionista se assenta sobre o Paradigma Quantitativo (BAYLEY, 2002; GUY, 1993), que busca modelar a competência comunicativa dos falantes através da análise de formas linguísticas variáveis em seus contextos de uso, a fim de derivar afirmações acerca da probabilidade de co-ocorrência de uma forma linguística variável e as características contextuais.”

⁷ Os fatores da variável Etnia nas análises das autoras são ‘alemã’, ‘italiana’, ‘fronteiriça’, ‘metropolitana’, referentes aos informantes de sua amostra, que foi a mesma: bilíngues português-alemão, bilíngues português-italiano, monolíngues-português de comunidade de fronteira com comunidade hispanofalante (na fronteira seca Brasil-Uruguai), monolíngues-português (ver seção 2.2).

⁸ As entrevistas foram realizadas por Leda Bisol em 1977 e usadas em sua tese de doutorado (BISOL, 1981). São 32 entrevistas com descendentes do que, para a autora, são os principais povos colonizadores do Rio Grande do Sul: portugueses, espanhóis, alemães, italianos – “oito informantes monolíngues [português] da metrópole, Porto Alegre; oito bilíngues de Taquara, da zona de colonização alemã; oito bilíngues de Veranópolis, especificamente Monte Bérico, na zona de colonização italiana, e oito monolíngues [português] de Santana do Livramento.” (BISOL, 1981, p. 52). A população de Taquara, na zona de colonização alemã, era de 31.167 pessoas em 1970, conforme o IBGE (<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/200#resultado>, acesso em: 11 jan. 2019). Destas, 18.270 viviam na zona urbana e 12.897, na zona rural. Em 2010, a população totalizava 54.643 habitantes, 45.266 dos quais residentes na zona urbana, 9.367 na zona rural.

de informantes⁹. É objetivo deste estudo, então, dar lugar ao contato com o alemão como língua de imigração na análise da elevação em uma variedade de português, lançando luz à situação linguística (de contato) e social (ruralidade) experimentada na comunidade. Além de dados mais recentes (LINK, 2015), considerará um maior número de informantes (18).

A questão perseguida na análise diz respeito aos efeitos do contato na elevação em português. Ao listarem traços do português de contato com alemão e italiano como línguas de imigração, Altenhofen e Margotti (2011) incluem a ausência de elevação das vogais átonas finais /e, o/ como traço específico do contato com o italiano, mas afirmam que a elevação pode estar ausente também no português de contato com o alemão. O português falado em Esquina Barra Funda parece respeitar esse padrão: se não ausente, a elevação parece aplicar-se em proporções baixas. No entanto, a literatura (SCHMITT, 1987; VIEIRA, 1994), registra índices expressivos de elevação no português de contato com alemão (ver seção 2.2). Qual é o padrão de elevação variável de Esquina Barra Funda? A que se deve?

Se os baixos índices de elevação se confirmarem estatisticamente, nossa hipótese é a de que bilinguismo produtivo (falar e compreender português e alemão), alimentado pela ruralidade (relativo isolamento da comunidade mais parentesco e compadrio como princípios de organização social¹⁰), motivem a resistência à regra em Esquina Barra Funda. Além das proporções totais de elevação de /e/ e de /o/, objetivamos esclarecer as variáveis linguísticas e sociais associadas ao processo, com destaque, no caso das variáveis sociais, para aquelas relacionadas à situação de contato, como idade, escolaridade, bilinguismo.

⁹ Schmitt (1987), que investiga a elevação em três municípios gaúchos, conta com quatro informantes de Taquara. Vieira (1994) usa o mesmo *corpus* e investiga a elevação em quatro municípios, considerando sete informantes de Taquara.

¹⁰ Cf. Durham (2004).

O artigo se inicia pela caracterização da elevação das vogais /e, o/ postônicas finais em suas motivações estruturais. O processo tem efeitos distintos em /e/ e /o/ em termos de proporção de aplicação: por razões articulatórias, /o/ tende a exibir maiores proporções de elevação do que /e/ nas diferentes variedades de português, de contato ou não, o que trataremos de esclarecer. Em seguida, revisam-se estudos anteriores sobre o tema em comunidades de fala do Rio Grande do Sul, especialmente aqueles na linha da sociolinguística variacionista, para esclarecer as variáveis controladas na análise estatística. À revisão de literatura segue-se uma caracterização de Esquina Barra Funda no que se refere à organização da vida social, às relações de trabalho e práticas econômicas, para elucidar o que sustenta as práticas bilíngues e o contato português-alemão experimentado localmente. A metodologia vem depois, com a descrição da composição da amostra, das variáveis controladas, do método e dos programas empregados na análise estatística. Finalmente, os resultados da análise são apresentados e discutidos, seguidos de nossa conclusão.

2. Pressupostos teóricos

2.1 Elevação das vogas médias /e, o/ em sílaba postônica final

Elevação, alçamento e redução vocálica são termos empregados de modo geralmente equivalente (como fazem, por exemplo, BATTISTI, 1993; VIEGAS, 1987; SCHMITT, 1987, respectivamente) para designar a alteração da propriedade de altura das vogais médias fechadas /e, o/, que passam (variavelmente) às correspondentes altas nas séries anterior e posterior no português brasileiro, quer as vogais estejam em sílabas pretônicas (t[e]atro ~ t[i]atro, c[o]stela ~ c[u]stela), quer em sílabas postônicas

não finais (pér[o]la ~ pér[u]la, nád[e]ga ~ nád[i]ga) ou finais (noit[e] ~ noit[ɪ], nov[o] ~ nov[ʊ])¹¹.

A atonicidade da sílaba ocupada pelas vogais médias desencadeia a elevação em português. Como afirma Camara Jr. (1970), sete contrastes vocálicos (/i, e, ε, a, ɔ, o, u/) realizam-se invariavelmente nas sílabas tônicas, mas há alofonia nas sílabas átonas pela neutralização dos contrastes de altura das médias, implicando diminuição no número de oposições – de sete para cinco (/i, e, a, o, u/) em posição pretônica, para quatro em posição postônica não final (/i, e, a, u/), para três em posição postônica final (/i, a, u/). Segundo Vieira (2014, p. 56), “tais reduções são consequência da diminuição da força expiratória, favorecendo, em posição átona, o processo de elevação, muito comum em quase todas as variedades do português”.

A redução vocálica em posição átona é um processo relativamente natural nas línguas do mundo (CROSSWHITE, 2004). A redução ou elevação das vogais médias verifica-se em diferentes línguas românicas, como no italiano (SAVOIA, 2016) ou no espanhol (HUALDE, 2005). Não se espera, portanto, que a elevação no português falado em Esquina Barra Funda seja induzida pelo contato. Ao contrário, como sugerido na introdução, o contato com o alemão parece prevenir a aplicação da regra. Por consequência, maiores proporções de elevação devem decorrer de um eventual aumento do monolinguismo-português na comunidade.

Outro aspecto que pode ser interpretado como natural no que se refere à elevação das vogais /e, o/ em posições átonas em português é o fato de a vogal /o/ exibir maiores proporções de elevação do que /e/ em diferentes variedades (VIEIRA, 2014). De acordo com Bisol (2014), embora /i/ e /u/ sejam tratadas, ambas, como vogais altas, elas têm um diferente espaço de articulação na configuração bucal: o ponto mais

¹¹ Como sugere a explicação de Silva (2011, p. 189) para redução vocálica, além da alteração na propriedade de altura, a elevação de /e/ e /o/ em sílaba postônica final aberta implicaria também a centralização das vogais, razão por que empregamos os símbolos [ɪ] e [ʊ] em nossos exemplos, embora mantenhamos no trabalho a designação genérica ‘elevação’.

alto correspondente à elevação da língua é o da vogal /i/, enquanto /u/ é consideravelmente mais baixo e levemente mais alto do que a vogal /e/. A razão fisiológica para esse fato é que, na cavidade bucal, o espaço destinado à articulação das vogais frontais /i, e, ε/ é maior do que o espaço destinado à articulação das vogais posteriores /u, o, ɔ/. Portanto, a vogal /u/ é menos alta do que a vogal /i/ (BISOL, 2014, p. 26).

Como consequência, a elevação de /o/ a /u/ seria articulatoriamente menos custosa do que a elevação de /e/ a /i/. Proporções distintas de elevação de /e, o/ são então esperadas, mesmo em contexto de monolinguismo-português. Como veremos (seção 4), a essa restrição soma-se uma influência específica do contato como o alemão, que potencializa a diferença nas proporções de aplicação verificadas.

2.2 Estudos anteriores

A elevação variável das vogais médias postônicas é um processo relativamente bem estudado no português falado no Rio Grande do Sul (SCHMITT, 1987; VIEIRA, 1994, 2002; ROVEDA, 1998; CARNIATO, 2000; MALLMAN, 2001; SILVA, 2009; MILESKI, 2013; LINK, 2015). Há flutuação nos índices de aplicação da regra em diferentes comunidades do estado, o que alimenta a hipótese (VIEIRA, 1994, 2002) de a pauta vocálica átona do português, pretônica ou postônica, consistir em um sistema de cinco vogais, apenas variavelmente reduzido.

Embora se possa afirmar que “uma característica comum a esses estudos é a correlação, feita pelos autores, entre a preservação das vogais e a formação étnica de determinadas regiões [...]” (VIEIRA, 2014, p. 58), o conjunto de trabalhos não é consensual no que se refere aos condicionadores linguísticos do processo. Vieira e Silva (2015) comparam os resultados obtidos pelos estudos para as variáveis Contexto Fonológico Precedente (velares e palatais; nasais; s/z; dorsais), Contexto Fonológico Seguinte (alveolares, velares e palatais; [s, n, m, l]; vogais), Tipo de Sílabas (sílabas com

coda [s]; sílaba sem coda), Classe Gramatical (numerais, verbo e advérbios; numerais e advérbios em -mente), Contexto Vocálico (vogal alta na tônica; sem vogal alta na tônica). Verificam que todos os fatores de cada uma dessas variáveis se revelam condicionadores do processo, a maioria somente em uma das análises. Ou seja, com base nesse conjunto de estudos, não se pode generalizar e dizer que apenas certos fatores condicionem a elevação. Tal falta de consenso possivelmente se deva não só a procedimentos metodológicos e de coleta de dados distintos, mas também a diferenças nas características sociais (população maior ou menor, mais urbana ou mais rural) e linguísticas (monolíngue ou bilíngue, língua de adstrato) das comunidades de fala investigadas.

No que se refere a análises sociolinguísticas variacionistas da elevação no português de contato com alemão como língua de imigração, é relevante revisar Schmitt (1987) e Vieira (1994). Vimos (Introdução) que ambas as autoras levantam dados do mesmo *corpus* e consideram o município de Taquara como representativo de populações de base étnica alemã. Além disso, contemplam tanto /e, o/ postônicos em posição não-final e final. No entanto, as análises diferem no número de informantes e comunidades contempladas: Taquara, Santana do Livramento e Monte Bérico (no município de Veranópolis) em Schmitt (1987), e essas três comunidades mais Porto Alegre em Vieira (1994). Diferem também na análise efetivamente realizada. Schmitt (1987) dividiu o conjunto de dados por etnia e os analisou separadamente. Já Vieira (1994) considerou Etnia uma de suas variáveis independentes. A Tabela 1 traz as proporções de aplicação por etnia verificadas nas duas análises.

Tabela 1 – Proporções de aplicação da elevação das vogais médias postônicas finais por etnia verificadas por Schmitt (1987) e Vieira (1994).

Etnia	Schmitt (1987)		Vieira (1994)	
	aplic./total	%	aplic./total	%
alemã	1562/1713	91%	1418/1824	78%
/o/ fronteiriça	2568/2747	93%	1539/2316	66%
italiana	1751/2480	71%	914/1519	60%
metropolitana	-	-	1397/1472	95%
alemã	944/1057	89%	557/1530	36%
/e/ fronteiriça	1487/1924	77%	315/1456	22%
italiana	713/1509	47%	208/1135	18%
metropolitana	-	-	928/1366	68%

Fonte: adaptada de Schmitt (1987) e Vieira (1994).

As proporções de aplicação da regra são maiores em Schmitt (1987) do que em Vieira (1994) para todas as etnias em ambas as vogais, sendo as de /e/ relativamente mais baixas do que as de /o/. Chamam atenção os resultados para a etnia alemã: em torno de 90% de elevação para /o/ e /e/ em Schmitt (1987), 78% e 36% respectivamente em Vieira (1994). Como já afirmamos na Introdução, caso a análise quantitativa confirme o que a oitiva do português falado em Esquina Barra Funda sugere, é preciso explicar os baixos índices de aplicação da regra em Esquina Barra Funda, comunidade de base étnica alemã, o que talvez se deva a especificidades da organização social da comunidade e de sua situação de bilinguismo.

As variáveis controladas por Schmitt (1987) e Vieira (1994) são praticamente as mesmas: Contexto Fonológico Precedente, Contexto Fonológico Seguinte, Classe Gramatical, Posição da Sílabas (postônica final, postônica não final), Tipo de Entrevista (teste, fala livre). Só Schmitt (1987) controlou Juntura (final, plural, sândi, compostos, sem juntura), Posição no Sintagma Frasal (final de enunciado, outras). Só Vieira (1994) controlou as variáveis linguísticas Tipo de Sílabas, Contexto Vocálico, além das variáveis sociais Etnia, Sexo.

Em Schmitt (1987), no que se refere apenas à etnia alemã, os fatores favorecedores da elevação são: posição final (de paroxítonas) para /o/, posição não final (de proparoxítonas) para /e/; sândi para /o/, final e compostos para /e/; obstruintes labiais e soantes precedentes para /o/, obstruintes velares e palatais precedentes para /e/; obstruintes alveolares, velares, palatais seguintes para /o/, obstruintes alveolares, velares, palatais e soantes seguintes para /e/; posição não final no enunciado para /e/. Em Vieira (1994), que não separou os dados por etnia, mostram-se favorecedores da elevação de /e/ o fator social metropolitanos e os fatores linguísticos vogal alta precedente, consoantes nasais e oclusivas precedentes, sílaba sem coda ou com coda /s/, sílaba final leve; favorecem a elevação de /o/ o fator social metropolitanos e os fatores linguísticos vogal alta precedente, consoantes oclusivas precedentes, sílaba com coda /s/, sílabas finais (leves e pesadas).

A revisão de Schmitt (1987) e Vieira (1994) mostra que a elevação de /e/ e de /o/ é condicionada por grupos distintos de fatores. Em comum há o papel (favorecedor) de sílaba final leve (ou aberta), o que motivou o recorte de objeto do presente estudo. Exceto pelas variáveis Juntura e Posição do Sintagma Frasal, de Schmitt (1987), e Tipo de Entrevista, presentes nas duas análises, controlaremos todas as demais variáveis, para garantir a comparabilidade dos estudos. Serão acrescentadas (ver seção 3) as variáveis sociais Idade, Escolaridade, Bilinguismo.

2.3 A comunidade de fala, práticas bilíngues e contato linguístico

Esquina Barra Funda localiza-se no interior do município de Novo Machado, situado no noroeste do Rio Grande do Sul. Novo Machado faz fronteira fluvial (Rio Uruguai) com a Argentina, mas não há ponte na localidade que viabilize o trânsito entre fronteiras. Ou seja, apesar da relativa proximidade, os habitantes de Novo Machado, principalmente os de Esquina Barra Funda, não têm contato regular com hispanofalantes argentinos.

Figura 1 – Novo Machado no Rio Grande do Sul e no Brasil.



Fonte: elaborada pelos autores.

Fatos referentes à imigração alemã ocorrida no Rio Grande do Sul relacionam-se à situação linguística e social de Esquina Barra Funda. Segundo Roche (1969), o estado experimentou duas grandes fases de imigração (Quadro 1).

Quadro 1 – Fases da imigração alemã no Rio Grande do Sul.

Fase 1		Fase 2	
De 1824 a 1830	De 1848 a 1874	De 1874 a 1889	De 1890 a 1914
<ul style="list-style-type: none"> · Governo imperial · Fundação da colônia de São Leopoldo ao Longo do Rio dos Sinos, próximo a Porto Alegre · Cerca de 5.300 imigrantes 	<ul style="list-style-type: none"> · Governo Geral · Fundação das colônias de Santa Cruz (1849), Santo Ângelo (1855), Nova Petrópolis (1858), Monte Alverne (1859) · Cerca de 10.000 imigrantes 	<ul style="list-style-type: none"> · Governo Geral · Emancipação, em 1881, das colônias de Santo Ângelo, Nova Petrópolis e Monte Alverne · Cerca de 10.000 imigrantes 	<ul style="list-style-type: none"> · Governo do estado · Desenvolvimento dos núcleos de Guaporé (1892), Dona Francisca e Botucaraí (1890), Toropi (1890), Ijuí (1890) e Guarani (1891) · Mais de 17.000 imigrantes

Fonte: elaborado pelos autores, com base em Roche (1969) e Herédia (2001).

Se, na primeira fase, o objetivo era o de os imigrantes não só ocupassem terras e as lavrassem, mas também as defendessem – o que atraiu sobretudo agricultores e

soldados alemães, alguns artesãos (metalurgia) –, a segunda fase almejou ocupar e cultivar as terras no oeste do estado. Nessa fase, funda-se o núcleo de Guarani (1891), de que derivou Santa Rosa e, dessa, Novo Machado, município em que se localiza Esquina Barra Funda.

Conforme Scheid e Priebe (1997), Novo Machado surge em 1918. Esquina Barra Funda é uma de suas localidades rurais, fundada apenas em 1940. Não se sabe a condição administrativa de Esquina Barra Funda, se bairro ou distrito. Os habitantes de Esquina Barra Funda chamam-na ‘comunidade’, termo que a prefeitura de Novo Machado adota em seu site para referir-se a localidades como Esquina Barra Funda em seu link de notícias:

São **comunidades** [grifo nosso] inseridas numa região com uma produção agropecuária expressiva, tendo na agricultura sua principal atividade, seguida da pecuária leiteira, corte, fumo e suinocultura. A imigração de italianos, alemães, poloneses, está presente de forma expressiva nesta região com caracterização de agricultores familiares em sua totalidade. As populações residentes nessas **comunidades** [grifo nosso] são compostas por várias famílias.

(<https://www.novomachado.rs.gov.br/site/noticias/obras/28437-boa-vista-esquina-carvalho-barra-funda-e-barra-fundinha-recebem-manutencao-nas-estradas>, acesso em 11 jan. 2019).

A notícia refere-se às ações de patrolar e cascalhar estradas vicinais não pavimentadas. Estradas como essas, que ligam Esquina Barra Funda à zona urbana de Novo Machado, são evidências de que persistem, nas áreas rurais brasileiras, condições de existência que levam ao isolamento e à autonomia da comunidade, baseadas em uma economia de subsistência. Desde o final do período colonial no Brasil, as áreas rurais vêm mantendo “relações precárias com as áreas urbanas e as áreas de produção agrícola mercantil” (DURHAM, 2004, p. 138). Embora, como os demais imigrantes europeus, os colonos alemães em Esquina Barra Funda tenham tido

acesso à posse da terra¹², faltava-lhes capital. O próprio trabalho (agrícola) e o da família garantiram sua sobrevivência, e o auxílio mútuo de vizinho ou moradores próximos ajudou a contornar adversidades. Essas condições fortaleceram a família como núcleo produtivo e transformaram laços de parentesco e compadrio em base da organização social local, ainda hoje sustentadores das atividades cotidianas e da situação de bilinguismo de Esquina Barra Funda.

Exceto pelo tabaco, vendido para a indústria fumageira, os cerca de 320 habitantes de Esquina Barra Funda criam animais e produzem pequenas quantidades de milho, hortaliças e legumes para consumo próprio. Há em Esquina Barra Funda uma agroindústria produtora de aguardente, consumida em Novo Machado e regiões vizinhas; uma padaria, dois minimercados, dois bares e uma oficina mecânica; uma escola (de Ensino Fundamental) e duas igrejas, uma católica e uma evangélica, sendo que a maior parte da população é evangélica. Uma comunidade rural como Esquina Barra Funda, de poucos e solidários habitantes, com uma base étnica comum, valores religiosos e possivelmente morais compartilhados, tende a falar um vernáculo local em grupos onde todos se conhecem e interagem. Havendo bilíngues português-alemão na comunidade, qual é o vernáculo local?

A maior parte dos habitantes de Esquina Barra Funda é bilíngue, fala português e alemão-russo, língua vinda com imigrantes alemães originários do leste europeu e inicialmente estabelecidos na colônia Guarani (ver Quadro 1). Dentre os bilíngues, as pessoas mais idosas são aquelas para quem o alemão é a língua vernacular: utilizam-na nas pequenas atividades diárias, como idas ao comércio e no encontro com vizinhos. Os mais jovens dão preferência ao português nas trocas linguísticas com seus

¹² De acordo com Scheid e Priebe (1997), a ocupação das terras foi negociada com a empresa Dahne Conceição, que vendia as terras à vista ou em prestações. Os pagamentos podiam ser efetuados em prestação de serviços. Os colonos ajudavam na construção e melhoria das estradas de acesso à comunidade e a localidades próximas.

pares, mas usam a língua alemã com seus familiares, em casa. Seu vernáculo pode ser, portanto, o português ou o alemão, a depender do grupo de interação.

A língua alemã é essencialmente oral em Esquina Barra Funda. Os únicos registros escritos são alguns panfletos da igreja evangélica (em alemão padrão), distribuídos em datas comemorativas, porém sem grande alcance. As famílias transmitem oralmente a língua; não existe, no sistema escolar, a oferta de alemão.

No nível da comunidade, alemão e português convivem em diferentes grupos de prática¹³. Por exemplo, aos sábados e domingos à tarde, o salão da igreja (católica) recebe senhores para jogos de baralho. Os integrantes de uma mesa falam alemão, os da mesa ao lado, português. Há alternância de código, seja para chamar o atendente por mais bebida, seja para contar uma piada ou descrever alguma jogada para o grupo ao lado. Na cancha de bocha, tanto jogadores quanto grupos que aguardam para jogar falam ora alemão, ora português. Quando a maioria é monolíngue-português, essa é a língua predominante, o que não impede alguns participantes de seguir falando alemão. É o que fazem os jovens: também no salão, reunidos aos finais de semana para jogar futebol ou simplesmente escutar música e conversar, os jovens falam português, apesar de não serem incomuns diálogos em alemão entre eles. As senhoras evangélicas realizam reuniões periódicas da Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas no salão de sua igreja. Jogam bolãozinho, baralho, confraternizam com comes e bebes. Falam alemão nesse espaço, mesmo na presença de quem não fale. Se uma pergunta é feita em português, a resposta pode ser em alemão, uma vez que todas entendem o que é dito.

A língua alemã é mais presente nos cultos da igreja evangélica e a maior parte dos habitantes de Esquina Barra Funda é evangélica. Poucos são os frequentadores das missas católicas e, entre estes, poucos falam alemão. Na escola, as aulas são

¹³ Neste trabalho, grupos de prática é o mesmo que comunidades de prática na acepção de Eckert (2000). Os dados de observação participante vêm de Link (2019).

ministradas em português. Nos encontros do Círculo de Pais e Mestres, também fala-se português, mesmo que a maioria dos pais ali presentes seja bilíngue e fale também alemão. O alemão é usado para negociações locais, quando algum morador busca na casa de outros os produtos que lhe interessam e oferece seus produtos em troca. Na diretoria da comunidade evangélica, no planejamento da tradicional festa de Kerb, realizada anualmente desde 1953, a língua de preferência é o alemão.

Usando dois dos três tipos de situação de contato português-línguas de imigração propostos por Altenhofen e Margotti (2011, p. 295), verifica-se, então, em Esquina Barra Funda “(a) o português de falantes bilíngues¹⁴ que nasceram e se criaram em uma comunidade de maioria bilíngue, (b) o português de falantes monolíngues [português] que nasceram e se criaram em uma comunidade de maioria bilíngue”, sendo que a maior parte da população encaixa-se no primeiro tipo. Isso se deve não só a uma história de imigração relativamente recente, mas também à ruralidade de Esquina Barra Funda que, distante de centros urbanos, experimenta um certo isolamento econômico e cultural reforçador de práticas sociais e linguísticas locais. O português local apresenta traços peculiares ao contato com o alemão: desvozeamento de plosivas em *onset* silábico ([t]etergente por detergente, [p]atata por batata), emprego de vibrante simples em lugar de múltipla (aroz por arroz), ausência de concordância de gênero em sintagmas nominais (ess[e] casa). Investigamos aqui um traço em específico, a elevação das vogais médias postônicas, de baixa aplicação na comunidade.

¹⁴Pelo que se viu, há em Esquina Barra Funda sujeitos que compreendem e falam alemão, e há sujeitos que apenas compreendem, não falam alemão. Instanciam bilinguismo produtivo e bilinguismo receptivo, respectivamente, conforme Baetens Beardsmore (1986), termos que adotaremos aqui.

3. Metodologia

A elevação variável das vogais /e, o/ em sílaba átona e aberta em final de vocábulo (cinc[o] ~ cinc[ɔ], hoj[e] ~ hoj[ɪ]) foi analisada como variável (resposta) binária. Distinguiram-se, de oitiva, dados em que houve elevação (aplicação da regra) de dados em que não houve elevação (não aplicação da regra)¹⁵.

A amostra contém 7.082 contextos de elevação extraídos de entrevistas sociolinguísticas de 18 informantes (LINK, 2015), estratificados por gênero (feminino, masculino), escolaridade (até 4 anos, de 4 a 8 anos e mais de 8 anos de escolaridade), idade (15 a 35 anos, 36 a 57 anos e 58 anos ou mais de idade).

Todos os informantes nasceram e cresceram em Esquina Barra Funda, e só se ausentaram da comunidade por pouco tempo (menos de 1 ano). Na entrevista, responderam a questões descritivas de caráter geral (Como é a vida aqui na comunidade?), sobre percepções da comunidade (De que mais gosta na comunidade?), a vida na infância (Que brincadeiras fazia na infância?), os anos de escola (Como foi frequentar a escola?) e eventos de vida (Qual o momento mais difícil por que passou na vida?). Exceto por duas entrevistas, realizadas em 2013, as demais ocorreram ao longo de 2014. Os informantes foram contatados previamente à realização das entrevistas, agendadas e então efetuadas com seu consentimento, geralmente nas residências dos informantes, em local silencioso. As entrevistas tiveram em torno de uma hora, foram gravadas com gravador de voz digital Sony icd-px333 em formato .mp3. Entre os 18 entrevistados, há professores, trabalhadores rurais e donos de estabelecimentos comerciais. Os entrevistados, em sua maioria, não demonstraram desconforto com o fato de serem gravados, provavelmente por conhecerem o entrevistador, membro da comunidade. A maior parte é bilíngue português-alemão:

¹⁵ Esse procedimento é o mesmo adotado por Schmitt (1987) e Vieira (1994). Reconhecemos, como as autoras, que uma análise fonética das realizações vocálicas efetivamente produzidas poderia revelar diferentes graus de altura das vogais postônicas finais. Para comparabilidade dos resultados, no entanto, optamos por controlar apenas a elevação ou não das vogais.

bilíngues produtivos (8 falam e compreendem alemão), ou receptivos (6 compreendem alemão). Os demais são monolíngues-português. O entrevistador é bilíngue receptivo. No Quadro 2, os 18 informantes são identificados pelas letras (maiúsculas) de A a R e dispostos nos estratos (por Gênero, Idade, Escolaridade, Bilinguismo) em que se encaixam, assinalados com X.

Quadro 2 – Estratificação dos informantes.

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R
feminino	X		X	X			X	X		X		X			X		X	
masculino		X			X	X			X		X		X	X		X		X
15 a 35 anos	X	X				X	X	X	X									
36 a 57 anos				X	X					X	X	X	X					
58 ou + anos			X											X	X	X	X	X
Até 4 anos	X		X		X	X				X				X				
4 a 8 anos		X		X			X				X				X	X		
+ de 8 anos								X	X			X	X				X	X
produtivo		X	X	X	X						X		X	X			X	
receptivo	X					X				X		X				X		X
monolíngue							X	X	X						X			

Fonte: elaborado pelos autores.

Para a extração dos dados, feita de oitava, foram considerados de 25 a 30 minutos de cada entrevista, descartando-se os 5 minutos iniciais da gravação. Dados com ruídos ou que causassem dúvidas sobre sua realização elevada ou não elevada foram desconsiderados. Foram desconsiderados também dados em final de enunciado após os quais houvesse pausa. Por isso, todos os dados incluídos na análise possuem contexto fonológico seguinte, correspondente ao segmento (vocálico ou consonantal) no início da palavra seguinte.

Realizaram-se análises estatísticas de regressão logística, modelo linear generalizado de efeitos mistos, com a plataforma R (R Core Team, 2018) usando a função *glmer* do pacote *lme4*. Procedeu-se à análise em duas etapas: global, com os dados de /e/ e de /o/ juntos; e por vogal, com os dados das vogais /e/ e /o/ em separado.

As variáveis (nominais) predictoras inicialmente controladas são as listadas de (a) a (i) a seguir, mais as variáveis aleatórias Informante e Item Lexical. A variável Vogal-Alvo só foi incluída na etapa global de análise.

- (a) Contexto fonológico precedente: vogal (desafio, série), labial (tempo, fome), dorsal (jogo, muque), coronal [+ant] (ano, parte), coronal [-ant] (filho, foge), /s, z/ (doce, poço, fase, vaso), /r/ (morro, varre);
- (b) Contexto fonológico seguinte: vogal (todo ano, triste assim), labial (carro velho, doce bom), dorsal (zero grau, peixe cru), coronal [+ant] (ano novo, fase leve), coronal [-ant] (muito cheio, gente jovem);
- (c) Posição do acento na palavra: proparoxítono (médico, hóspede), paroxítono (porco, carne);
- (d) Vogal na sílaba tônica: alta (filho, clube), não alta (gato, sorte);
- (e) Vogal-alvo: /o/ (pato), /e/ (triste);
- (f) Gênero: masculino, feminino;
- (g) Idade: 15 a 35 anos, 36 a 57 anos, 58 ou mais anos;
- (h) Escolaridade: até 4 anos (fundamental incompleto), 4 a 8 anos (fundamental completo), mais de 8 anos (médio e superior);
- (i) Bilinguismo: bilíngue, não bilíngue.

As variáveis sociais Idade e Escolaridade corresponderam a critérios de seleção dos informantes de cujas entrevistas se levantaram os dados analisados. A amostra é equilibrada em relação a essas variáveis. Já Bilinguismo e os níveis a princípio considerados na variável (produtivo, receptivo, monolíngue) não são equilibrados, resultaram do que os informantes responderam ao preencher a Ficha Social¹⁶. Por essa razão, testou-se (por meio de um teste de qui-quadrado de Pearson) se havia diferença

¹⁶ Link (2015) registrou informações de perfil dos informantes (endereço, idade, gênero, profissão, escolaridade, contatos) em uma Ficha Social.

significativa nas proporções de aplicação entre os níveis produtivo, receptivo, monolíngue. Verificou-se não haver diferença significativa entre os níveis receptivo e monolíngue, mas haver entre o agrupamento de receptivo mais monolíngue e produtivo. Por essa razão, a variável Bilinguismo passou a conter apenas dois níveis, renomeados como bilíngue (produtivo) e não bilíngue (receptivo + monolíngue).

4. Resultados

4.1 Análise global

Foram 7.082 os contextos de elevação (vogais /e/ e /o/ juntas) analisados. Houve 9,8% de aplicação e 90,2% de não aplicação da regra. Essas proporções confirmam a primeira impressão que se tem ao falar (português) com os habitantes de Esquina Barra Funda, de que eles quase não elevam as vogais /e, o/ em sílaba átona aberta em final de vocábulo.

Todas as variáveis previsoras foram submetidas, inicialmente, a um teste de diferença de proporção de aplicação nos seus diferentes níveis (teste qui-quadrado de Pearson). As variáveis Posição do acento na palavra, Gênero e Escolaridade não apresentaram valor-p significativo e não foram, por essa razão, incluídas nas análises de efeitos mistos, exceto Escolaridade, sobre que se testou a interação com Idade (Tabela 3).

O modelo de efeitos mistos na Tabela 2, com as variáveis Contexto Fonológico Precedente, Contexto Fonológico Seguinte, Vogal na sílaba tônica, Idade, Vogal-Alvo e Bilinguismo, mostra que a elevação se correlaciona a Contexto Fonológico Precedente e Seguinte. Todos os fatores de Contexto Fonológico Precedente desfavorecem a elevação, destacando-se o papel inibidor das consoantes coronal [+anterior], [r], [s,z] e labial precedentes. Em Contexto Fonológico Seguinte, as consoantes coronal [-anterior] desfavorecem a aplicação da regra.

Nenhuma variável social se correlaciona à elevação no Modelo 1, Tabela 2. É possível que haja interação entre elas. Com base em estudos como o de Mileski (2013), que verificou a interação de Escolaridade e Idade na elevação de /o/ no português de contato, testou-se a interação na análise das vogais /e/ e /o/ juntas. O resultado está na Tabela 3.

Tabela 2 – Estimativas dos parâmetros do modelo (de regressão logística, modelo linear generalizado de efeitos mistos) da elevação (dados de /e/ e /o/ juntos).

N = 7082

Intercepto = -2,54987

Variável	Apl./Ocorrências	Estimativa	Erro padrão	z	p
Contexto precedente					
Dorsal (valor de referên.)	116/413 (28%)				
Coronal [-anterior]	95/688 (13,8%)	-2,991	1,207	-2,478	0,0132 *
Coronal [+anterior]	302/3.743 (8%)	-5,140	1,036	-4,959	< 0,001 ***
[r]	34/584 (5,8%)	-4,168	1,122	-3,713	< 0,001 ***
[s, z]	70/915 (7,6%)	-5,930	1,478	-4,011	< 0,001 ***
Labial	69/662 (10,4%)	-4,625	1,138	-4,062	< 0,001 ***
Vogal	9/77 (19%)	-7,104	2,758	-2,575	0,0100 *
Contexto seguinte					
Vogal (valor de referência)	271/2.567 (31%)				
Dorsal	69/796 (33%)	0,097	0,187	0,518	0,6046
Labial	168/1.400 (8%)	0,130	0,132	0,986	0,3242
Coronal [-anterior]	5/130 (18%)	-1,844	0,624	-2,951	0,0031 **
Coronal [+anterior]	182/2.189 (8,3%)	0,115	0,126	0,914	0,3606
Vogal na sílaba tônica					
Não alta (valor de ref.)	366/5.099 (7,2%)				
Alta	329/1.983 (16,6%)	-0,253	0,330	-0,768	0,4426
Idade					
15 a 35 anos (valor de ref.)	277/2.410 (11,5%)				
36 a 57 anos	214/2.282 (9,4%)	-0,011	0,167	-0,105	0,9166
58 ou mais anos	204/2.390 (8,5%)	-0,220	0,161	-1,370	0,1707
Vogal-alvo					
/e/ (valor de referência)	73/2.304 (3,2%)				
/o/	622/4.778 (13%)	0,506	0,472	1,073	0,2833
Bilinguismo					
Bilíngue	280/3.317 (8,4%)				
Não bilíngue	415/3.765 (11%)	0,251	0,139	1,798	0,0721

Modelo 1. (ELEVAÇÃO ~ CONTEXT.PREC + CONTEXT.SEG + V. TÔNICA + IDADE + V. ALVO + BILINGUISTO2 + (1|INFORMANTE) + (1|ITEM.LEXICAL))

Fonte: elaborada pelos autores.

Tabela 3 – Estimativas dos parâmetros do modelo (de regressão logística, modelo linear generalizado de efeitos mistos) da elevação (dados de /e/ e /o/ juntos) com a interação de Idade e Escolaridade. N = 7082

Intercepto = -5,01828

Variável	Apl./Ocorrências	Estimativa	Erro padrão	z	p
Contexto precedente					
Dorsal (valor de referên.)	116/413 (28%)				
Coronal [-anterior]	95/688 (13,8%)	-2,029	1,185	-1,712	0,086 .
Coronal [+anterior]	302/3.743 (8%)	-3,647	0,913	-3,992	< 0,001 ***
[r]	34/584 (5,8%)	-2,883	1,026	-2,809	0,004 **
[s,z]	70/915 (7,6%)	-3,051	1,298	-2,350	0,018 *
Labial	69/662 (10,4%)	-2,861	1,079	-2,651	0,008 **
Vogal	9/77 (19%)	-3,519	1,869	-1,883	0,059 .
Contexto seguinte					
Vogal (valor de referência)	271/2.567 (31%)				
Dorsal	69/796 (33%)	-0,025	0,191	-0,133	0,894
Labial	168/1.400 (8%)	0,157	0,132	1,193	0,232
Coronal [-anterior]	5/130 (18%)	-2,073	0,697	-2,972	0,002 **
Coronal [+anterior]	182/2.189 (8,3%)	0,076	0,127	0,602	0,546
Vogal na sílaba tônica					
Não alta (valor de ref.)	366/5.099 (7,2%)				
Alta	329/1.983 (16,6%)	0,166	0,353	0,472	0,636
Idade					
15 a 35 anos (valor de ref.)	277/2.410 (11,5%)				
36 a 57 anos	214/2.282 (9,4%)	-0,485	0,245	-1,974	0,048 *
58 ou mais anos	204/2.390 (8,5%)	-0,862	0,296	-2,907	0,003 **
Escolaridade					
Até 4 anos (valor de ref.)	260/2.694 (9,6%)				
De 4 a 8 anos	240/2.328 (10,3%)	-0,332	0,239	-1,390	0,164
Mais de 8 anos	195/2.060 (9,5%)	-0,572	0,240	-2,378	0,017 *
Vogal-alvo					
/e/ (valor de referência)	73/2.304 (3,2%)				
/o/	622/4.778 (13%)	0,470	0,518	0,908	0,364
Bilinguismo					
Bilíngue	280/3.317 (8,4%)				
Não bilíngue	415/3.765 (11%)	0,118	0,172	0,688	0,491
Idade: Escolaridade					
36 a 57 anos: 4 a 8 anos		0,425	0,339	1,255	0,209
58 ou mais anos: 4 a 8 anos		0,764	0,424	1,802	0,071
36 a 57 anos: + de 8 anos		0,588	0,340	1,729	0,083
58 ou + anos: + de 8 anos		0,875	0,363	2,408	0,016 *

Modelo 2. (ELEVAÇÃO ~ CONTEXT.PREC + CONTEXT.SEG + V. TÔNICA + IDADE*ESCOLARIDADE + V. ALVO + BILINGUISMO2 + (1|INFORMANTE) + (1|ITEM.LEXICAL))

Fonte: elaborada pelos autores.

A análise confirma a interação entre Idade e Escolaridade. Inserindo-se a interação no Modelo 2 (Tabela 3), mantém-se a correlação de elevação com Contexto Fonológico Precedente: as consoantes coronais [+anterior], [r], [s,z] e labial que antecedem a vogal desfavorecem a aplicação da regra. O efeito de Contexto Fonológico seguinte é o mesmo: as consoantes coronais [-anterior] que seguem a vogal desfavorecem a elevação. Já a variável Idade passa a exibir correlação, seus fatores 36 a 57 anos e 58 ou mais anos inibindo o processo. Há correlação da variável Escolaridade com a elevação, desfavorecida pelo fator Mais de 8 anos.

Com a análise global dos dados, constata-se que os contextos fonológicos precedente e seguinte à vogal têm papel na resistência à elevação das médias postônicas finais no português falado em Esquina Barra Funda, assim como a interação de Idade e Escolaridade. Resta saber se esses efeitos se mantêm na análise dos dados de /e/ e de /o/ em separado.

4.2 Análise dos dados de /e/

São 2.304 os dados de /e/ na amostra. Desses, apenas 73 (3,2%) elevam-se, 2.231 (96,8%) não se elevam. Essa proporção de aplicação é muito baixa e autorizaria a afirmar que praticamente não há variação de /e/ em Esquina Barra Funda. Provavelmente, essa é a razão de, com exceção das variáveis Contexto Fonológico Precedente e Contexto Seguinte, todas as demais variáveis linguísticas e sociais não terem exibido valores-p significativos ao serem submetidas ao teste qui-quadrado e não terem sido, assim, incluídas no modelo de elevação de /e/ (Modelo 3, Tabela 4).

As variáveis Contexto Fonológico Precedente e Contexto Fonológico Seguinte correlacionam-se à elevação: uma vogal que antecede /e/ e consoantes labiais e coronais [+anterior] que seguem a vogal-alvo desfavorecem a aplicação da regra. Supondo, como na análise global, haver interação de variáveis sociais na elevação de /e/, inseriu-se a interação de Idade com Escolaridade no modelo, o que resultou inócuo.

Decidiu-se então incluir, além dessa interação, as demais variáveis sociais no modelo, mais a variável linguística Vogal na Sílabas Tônicas (Tabela 5).

Tabela 4 – Estimativas dos parâmetros do modelo (de regressão logística, modelo linear generalizado de efeitos mistos) da elevação (dados de /e/) com variáveis Contexto Fonológico Precedente e Seguinte.

N = 2304

Intercepto = -7,4443

Variável	Apl./Ocorrências	Estimativa	Erro padrão	z	p
Contexto precedente					
Dorsal (valor de ref.)	16/22 (72,7%)				
Coronal [-anterior]	40/238 (16,8%)	0,673	3,695	0,182	0,855
Coronal [+anterior]	8/1435 (0,55%)	-3,658	3,019	-1,211	0,225
[r]	0/237 (0%)	-3,758	5,522	-0,681	0,496
[s,z]	6/312 (1,92%)	-2,279	3,145	-0,725	0,468
Labial	3/59 (5,08%)	0,223	3,300	0,068	0,945
Vogal	0/1 (0%)	-1035,0	512,0	-2,022	0,043 *
Contexto seguinte					
Vogal (valor de referência)	58/716 (31%)				
Dorsal	6/292 (33%)	-1,246	0,689	-1,808	0,070 .
Labial	4/359 (8%)	-2,286	0,921	-2,481	0,013 *
Coronal [-anterior]	0/71 (18%)	-6,477	7,309	-0,886	0,375
Coronal [+anterior]	5/866 (8,3%)	-4,449	1,200	-3,707	< 0,001 ***

Modelo 3. (ELEVAÇÃO ~ CONTEXT. PREC + CONTEXT. SEG + (1|INFORMANTE) + (1|ITEM.LEXICAL))

Fonte: elaborada pelos autores.

O Modelo 4 (Tabela 5) confirma a correlação das variáveis Contexto Fonológico Precedente e Contexto Fonológico Seguinte com a elevação: as consoantes coronais [+anterior] e [s,z] precedentes desfavorecem a aplicação do processo, bem como as consoantes labial, dorsal e [r] seguintes. No entanto, nenhuma das demais variáveis exibe correlação com a elevação de /e/. Isto deve decorrer do baixo índice de elevação de /e/ postônico final em Esquina Barra Funda, o que, por seu turno, encontra motivação no contato com o alemão falado localmente.

Tabela 5 – Estimativas dos parâmetros do modelo (de regressão logística, modelo linear generalizado de efeitos mistos) da elevação (dados de /e/) com as variáveis sociais e a variável Vogal na Sílabas Tônicas.

N = 2304

Intercepto = -5,01828

Variável	Apl./Ocorrências	Estimativa	Erro padrão	z	p
Contexto precedente					
Dorsal (valor de ref.)	16/22 (72,7%)				
Coronal [-anterior]	40/238 (16,8%)	-4,004	3,468	-1,166	0,243
Coronal [+anterior]	8/1.435 (0,55%)	-8,904	2,955	-3,013	0,002 **
[r]	0/237 (0%)	-4,427	4,359	0,000	0,999
[s,z]	6/312 (1,92%)	-7,099	3,105	-2,287	0,022 *
Labial	3/59 (5,08%)	-4,966	3,523	-1,410	0,158
Vogal	0/1 (0%)	-1,933	5,236	0,000	0,999
Contexto seguinte					
Vogal (valor de referência)	58/716 (31%)				
Dorsal	6/292 (33%)	-1,516	7,525	-2,014	0,043 *
Labial	4/359 (8%)	-2,289	9,495	-2,411	0,015 *
Coronal [-anterior]	0/71 (18%)	-1,374	2,560	-0,054	0,957
Coronal [+anterior]	5/866 (8,3%)	-3,985	9,716	-4,102	< 0,001 ***
Vogal na sílaba tônica					
Não alta (valor de ref.)	67/2.172 (3,1%)				
Alta	6/132 (4,5%)	-1,793	2,710	-0,662	0,508
Idade					
15 a 35 anos (valor de ref.)	32/792 (4%)				
36 a 57 anos	20/767 (2,6%)	-1,543	8,771	-1,759	0,078
58 ou mais anos	21/746 (2,8%)	-1,377	1,043	-1,321	0,186
Escolaridade					
Até 4 anos (valor de ref.)	24/844 (2,8%)				
De 4 a 8 anos	29/789 (3,7%)	-5,834	7,479	-0,780	0,435
Mais de 8 anos	20/671 (3%)	-4,288	7,269	-0,590	0,555
Bilinguismo					
Bílingue	30/1.080 (2,8%)				
Não bilíngue	43/1.224 (3,5%)	6,517	6,200	0,011	0,991
Idade: Escolaridade					
36 a 57 anos: 4 a 8 anos		1,901	1,170	1,625	0,104
58 ou mais anos: 4 a 8 anos		1,559	1,460	1,067	0,285
36 a 57 anos: + de 8 anos		1,621	1,128	1,437	0,150
58 ou + anos: + de 8 anos		5,318	1,318	0,404	0,686

Modelo 4. (ELEVAÇÃO ~ CONTEXT. PREC + CONTEXT. SEG + V. TÔNICA + IDADE*ESCOLARIDADE + BILINGUISMO2 + (1|INFORMANTE) + (1|ITEM.LEXICAL))

Fonte: elaborada pelos autores.

De acordo com Altenhofen (comunicação pessoal, conforme publicado em ALTENHOFEN, 1996), em uma variedade de alemão como o *Hunsrückisch*, falada em outras comunidades do Rio Grande do Sul, -e final se realiza como *schwa* (uma vogal

média central) em substantivos neutros e masculinos que seriam terminados em -en no alemão padrão (al. p.). A nasal cai quase categoricamente em *Hunsrückisch*: *das Lewe* (*das Leben* 'vida' em al. p.), *das Medche* (*das Mädchen* 'menina' em al. p., *idem* demais diminutivos), *der Mooche* (*der Magen* 'estômago' em al. p.), só se mantendo em determinados monossílabos como *gehn* 'caminhar', *Reen* 'chuva', por exemplo. Nos substantivos femininos singular, -e cai em *Hunsrückisch*, mas é acrescido/mantido no plural: *die Schul*, plural *Schule* (*die Schule*, plural *die Schulen* 'escola' em al. p.). No entanto, conforme o autor, há variação em línguas alemãs de imigração no Brasil, o que vale especialmente para o alemão dos teuto-russos, onde -e final se realiza como vogal média [e]. O falante de hunsriqueano percebe essa "nuance dialetal" e sinaliza a realização [e] para -e final como marca dos *Deitschrusse* (alemães russos). Ou seja, a vogal /e/ postônica final no alemão falado em Esquina Barrafunda parece ter uma função morfossintática. Essa requer a realização de -e final como [e], traço incorporado ao português de contato, que previne a elevação de /e/ final átono. O mesmo não se aplica a /o/. Ainda segundo aquele autor (comunicação pessoal), o alemão (padrão) não apresenta -o final, a não ser em empréstimos. O *Hunsrückisch*, em empréstimos do português, costuma preservar a vogal -o, pronunciando-a [o] o mais das vezes, mas a elevação é possível. Exemplos: *der Disko* (pt. 'o disco'), *der Amigo* (pt. 'o amigo'). A vogal -o final em alemão e variedades não tem uma função morfossintática como -e. Isso possivelmente se relaciona ao fato de, no português de contato, preservar-se mais /e/ do que /o/ da elevação em posição átona final. É o que a análise dos dados de /o/ confirma.

4.3 Análise dos dados de /o/

Os dados de /o/ na amostra são 4.778, dos quais 622 (13%) se elevam, 4.156 (87%) não se elevam. Há variação de /o/ átono final em Esquina Barra Funda. Submetidas ao teste qui-quadrado, mostraram valores-p significativos as variáveis Contexto

Fonológico Precedente, Contexto Fonológico Seguinte, Vogal na Sílabla Tônica, Idade, Bilinguismo, por essa razão incluídas no modelo de elevação de /o/ (Tabela 6).

Tabela 6 – Estimativas dos parâmetros do modelo (de regressão logística, modelo linear generalizado de efeitos mistos) da elevação (dados de /o/).

N = 4778

Intercepto = -2,22336

Variável	Apl./Ocorrências	Estimativa	Erro padrão	z	p
Contexto precedente					
Dorsal (valor de ref.)	100/391 (25,6%)				
Coronal [-anterior]	55/450 (12,2%)	-1,442	0,697	-2,067	0,038 *
Coronal [+anterior]	294/2.308 (12,7%)	-2,631	0,586	-4,485	< 0,001 ***
[r]	34/347 (9,8%)	-2,259	0,687	-3,288	0,001 **
[s,z]	64/603 (10,6%)	-3,303	0,972	-3,395	0,000 ***
Labial	66/603 (10,9%)	-2,316	0,662	-3,498	0,000 ***
Vogal	9/76 (11,8%)	-2,220	0,965	-2,299	0,021 *
Contexto seguinte					
Vogal (valor de referência)	213/1.851 (11,5%)				
Dorsal	63/504 (12,5%)	0,344	0,194	1,770	0,076 .
Labial	164/ 1.041 (15,8%)	0,472	0,134	3,515	0,000 ***
Coronal [-anterior]	5/59 (9,5%)	-0,879	0,569	-1,545	0,122
Coronal [+anterior]	177/1.323 (13,4%)	0,550	0,131	4,197	< 0,001 ***
Vogal na sílabla tônica					
Não alta (valor de ref.)	299/2.927 (10,2%)				
Alta	323/1.851 (17,5%)	0,290	0,284	1,020	0,307
Idade					
15 a 35 anos (valor de ref.)	245/1.629 (15,1%)				
36 a 57 anos	194/1.515 (12,8%)	-0,082	0,179	-0,460	0,645
58 ou mais anos	204/1.644 (11,1%)	-0,265	0,173	-1,533	0,125
Bilinguismo					
Bilíngue	250/2.237 (11,2%)				
Não bilíngue	372/2.541 (14,6%)	0,249	0,150	1,654	0,098

Modelo 5. (ELEVAÇÃO ~ CONTEXT. PREC + CONTEXT. SEG + V. TÔNICA + IDADE + BILINGUISMO2 + (1|INFORMANTE) + (1|ITEM.LEXICAL))

Fonte: elaborada pelos autores.

A análise confirma, nos dados de /o/, a correlação de Contexto Fonológico Precedente e Contexto Fonológico Seguinte com a elevação, já verificada nos dados de /e/ e /o/ juntos, e nos dados de /e/ em separado. Destacam-se, na inibição à regra, as consoantes precedentes coronal [+anterior], [s,z] e labial. Já as consoantes seguintes labial e coronal [+anterior] seguintes favorecem a elevação de /o/. As variáveis sociais

não têm papel nesse modelo (Tabela 6), razão pela qual, como nas análises anteriores (dados de /e/ e /o/ juntos, dados só de /e/), incluiu-se a interação de Idade com Escolaridade (Tabela 7).

Tabela 7 – Estimativas dos parâmetros do modelo (de regressão logística, modelo linear geral com efeitos mistos) da elevação (dados de /o/) com a interação de Idade e Escolaridade.

N = 4778

Intercepto = -1,87650

Variável	Apl./Ocorrências	Estimativa	Erro padrão	z	p
Contexto precedente					
Dorsal (valor de ref.)	100/391 (25,6%)				
Coronal [-anterior]	55/450 (12,2%)	-1,330	0,693	-1,919	0,054 .
Coronal [+anterior]	294/2.308 (12,7%)	-2,259	0,552	-4,088	< 0,001 ***
[r]	34/347 (9,8%)	-1,914	0,667	-2,866	0,004 **
[s,z]	64/603 (10,6%)	-3,029	0,949	-3,190	0,001 **
Labial	66/603 (10,9%)	-2,073	0,645	-3,213	0,001 **
Vogal	9/76 (11,8%)	-3,180	1,207	-2,633	0,008 **
Contexto seguinte					
Vogal (valor de referência)	213/1.851 (11,5%)				
Dorsal	63/504 (12,5%)	0,226	0,195	1,162	0,245
Labial	164/1.041 (15,8%)	0,300	0,135	2,218	0,026 *
Coronal [-anterior]	5/59 (9,5%)	-0,723	0,534	-1,354	0,175
Coronal [+anterior]	177/1.323 (13,4%)	0,555	0,129	4,273	< 0,001 ***
Vogal na sílaba tônica					
Não alta (valor de ref.)	299/2.927 (10,2%)				
Alta	323/1.851 (17,5%)	0,353	0,282	1,252	0,210
Idade					
15 a 35 anos (valor de ref.)	245/1.629 (15,1%)				
36 a 57 anos	194/1.1515 (12,8%)	-0,451	0,255	-1,766	0,077 .
58 ou mais anos	204/1.644 (11,1%)	-1,222	0,322	-3,787	0,000 ***
Escolaridade					
Até 4 anos (valor de ref.)	236/1.850 (12,8%)				
De 4 a 8 anos	211/1.539 (13,7%)	-0,485	0,256	-1,892	0,058 .
Mais de 8 anos	175/1.389 (12,6%)	-0,644	0,257	-2,505	0,012 *
Bilinguismo					
Bilíngue	250/2.237 (11,2%)				
Não bilíngue	372/2.541 (14,6%)	0,046	0,179	0,259	0,795
Idade: Escolaridade					
36 a 57 anos: 4 a 8 anos		0,493	0,351	1,407	0,159
58 ou mais anos: 4 a 8 anos		1,289	0,454	2,838	0,004 **
36 a 57 anos: + de 8 anos		0,518	0,356	1,455	0,145
58 ou + anos: + de 8 anos		1,347	0,391	3,440	0,000 ***

Modelo 6. (ELEVAÇÃO ~ CONTEXT. PREC + CONTEXT. SEG + V. TÔNICA + IDADE*ESCOLARIDADE + BILINGUISMO2 + (1|INFORMANTE) + (1|ITEM.LEXICAL))

Fonte: elaborada pelos autores.

Incluindo-se a interação de Idade e Escolaridade no modelo (Tabela 7), verifica-se a correlação dessas duas variáveis com a elevação de /o/: 58 ou mais anos de idade e Mais de 8 anos de escolaridade desfavorecem o processo. Esse resultado pode ser explicado pelas práticas sociais cotidianas em Esquina Barra Funda: sujeitos mais idosos são também os que mais falam alemão, sujeitos de maior escolaridade supostamente realizam mais práticas letradas. Os resultados de Contexto Fonológico Precedente confirmam os efeitos da variável na inibição da elevação, com destaque para os fatores desfavorecedores coronal [+anterior] e vogal precedentes. Já Contexto Fonológico Seguinte correlaciona-se ao processo, mas com fatores favorecedores do mesmo – as consoantes seguintes coronal [+anterior] e labial.

Os resultados das análises realizadas (dados de /e/ e /o/ juntos, dados apenas de /e/, dados apenas de /o/) sugerem que a elevação esteja ingressando progressivamente na comunidade. As proporções de aplicação exibem ligeiro aumento do grupo etário mais velho para os mais jovens. Há mais condicionamento linguístico do que social, o que é peculiar a processos de variação e mudança em início ou finalização em uma comunidade de fala (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

Assim, pode-se pensar que a resistência à elevação das vogais /e, o/ postônicas finais no português de contato, falado em Esquina Barra Funda corresponda, na verdade, a uma propagação mais lenta da regra na comunidade. Esquina Barra Funda não está imune à elevação das médias em sílaba átona final, processo já bastante avançado em outras variedades de português brasileiro. O futuro da regra no português falado na comunidade dependerá de seu próprio desenvolvimento, o que inclui a manutenção ou não das práticas bilíngues hoje verificadas.

5. Conclusão

A análise da elevação das vogais médias postônicas finais no português de contato com uma língua de imigração em uma comunidade rural brasileira confirma

os baixos índices de elevação percebidos de oitiva. Ao tratar do contato português-alemão na investigação da elevação variável, o estudo dá corpo à sugestão de análises pioneiras do processo (SCHMITT, 1987; VIEIRA, 1994), de que a etnia de base das populações pesquisadas respondesse por diferentes proporções de aplicação da regra. A resistência à elevação comprovada no trabalho encontra motivação estrutural também no alemão, língua em que vogais finais têm função gramatical. Tal influência do alemão no português resulta de práticas bilíngues realizadas na comunidade, encaixadas em sua matriz socioeconômica e cultural.

Os resultados do estudo sugerem que a elevação, condicionada sobretudo pelas variáveis linguísticas Contexto Fonológico Precedente e Seguinte, ingressou no português falado na comunidade e progride lentamente, seguindo tendências verificadas em outras variedades de português, como a de a vogal /o/ apresentar maior proporção de elevação do que a vogal /e/. O incremento na aplicação da regra dependerá de mudanças na própria comunidade, como sugere Labov (2001), entre elas a persistência ou não de práticas bilíngues, o que futuros estudos poderão revelar.

Referências Bibliográficas

ALTENHOFEN, C. V. **Hunsrückisch in Rio Grande do Sul**. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen. Stuttgart: Steiner, 1996.

ALTENHOFEN, C. V.; MARGOTTI, F. W. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. *In*: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V.; RASO, T. (org.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 289-315.

BAETENS BEARDSMORE, H. **Bilingualism: Basic principles**. 2. ed. Clevedon: Multilingual Matters, 1986.

BATTISTI, E. **Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha**. 1993. 125 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

BAYLEY, R. The quantitative paradigm. *In*: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. **The handbook of language variation and change**. Malden/Oxford: Blackwell, 2002, p. 117-141. DOI <https://doi.org/10.1111/b.9781405116923.2003.00009.x>

BISOL, L. **Harmonização vocálica**: uma regra variável. 1981. 335 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

BISOL, L. Vogais pretônicas. *In*: BISOL, L.; BATTISTI, E. **O português falado no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014, p. 19-33.

CAMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CARNIATO, M. C. **A neutralização das vogais postônicas finais na comunidade de Santa Vitória do Palmar**. 2000. 107 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2000.

CROSSWHITE, K. Vowel reduction. *In*: HAYES, B.; KIRCHNER, R.; STERIADE, D. (ed.). **Phonetically based phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 191-231. DOI <https://doi.org/10.1017/CBO9780511486401.007>

DURHAM, E. R. **A dinâmica da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

ECKERT, P. **Linguistic variation as social practice**. Malden/Oxford: Blackwell, 2000.

GUY, G. The quantitative analysis of linguistic variation. *In*: PRESTON, D. R. (ed.). **American dialect research**. Amsterdam: John Benjamins, 1993, p. 223-249. DOI <https://doi.org/10.1075/z.68.11guy>

HERÉDIA, V. A imigração europeia no século passado: o programa de colonização no Rio Grande do Sul. **Scripta Nova**: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona, v. 5, 2001. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn-94-10.htm>. Acesso em: 16 dez. 2018.

HUALDE, J. I. **The sounds of Spanish**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

IBGE. Cidades. Novo Machado, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/novo-machado>. Acesso em: 16 dez. 2018.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

LABOV, W. **Principles of linguistic change – internal factors**. Malden/Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. **Principles of linguistic change – social factors**. Malden/Oxford: Blackwell, 2001.

LINK, E. R. **Elevação das vogais médias átonas em posição final absoluta em Esquina Barra Funda – Novo Machado/RS**. 2015. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

LINK, E. R. **Resistência à elevação das vogais médias átonas finais no português em contato com línguas alemãs de imigração no sul do Brasil: variação linguística e práticas sociais**. 2019. 105 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

ILESKI, I. **A elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata – RS**. 152 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

OUSHIRO, L. Tratamento de dados com o R para análises sociolinguísticas. *In*: FREITAG, R. M. K. (org.). **Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística**. São Paulo: Blucher, 2014, p. 133-176. DOI <https://doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-10cap>

R Core Team. R: A Language and Environment for Statistical Computing. **R Foundation for Statistical Computing**. Vienna, Austria, 2018. Disponível em: <https://www.R-project.org>. Acesso em: 15 jan. 2019.

ROCHE, J. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Tradução de Emery Ruas. Porto Alegre: Editora Globo, 1969 [1962].

ROVEDA, S. D. **Elevação da vogal média átona final em comunidades bilíngues: português e italiano**. 87 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

SAVOIA, L. M. Harmonic processes and metaphony in some Italian varieties. *In*: TORRES-TAMARIT, F.; LINKE, K.; van OOSTENDORP, M. (ed.). **Approaches to metaphony in the languages of Italy**. Berlin: De Gruyter, 2016, p. 9-53.

SCHEID, C. M. PRIEBE, G. **Novo Machado conta sua história**. Novo Machado: Secretaria de Educação de Novo Machado, 1997.

SCHMITT, C. J. **Redução vocálica postônica e estrutura prosódica**. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1987.

SILVA, S. M. da. **Elevação das vogais médias átonas finais e não finais no português falado em Rincão Vermelho – RS**. 172 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SILVA, T. C. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

VIEGAS, M. C. **O alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística**. 1987. 222 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

VIEIRA, M. J. B. **Neutralização das vogais médias postônicas**. 1994. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

VIEIRA, M. J. B. As vogais médias postônicas: Uma análise variacionista. *In*: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. **Fonologia e variação: Recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 127-159.

VIEIRA, M. J. B. Vogais postônicas finais. *In*: BISOL, L.; BATTISTI, E. **O português falado no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 53-64.

VIEIRA, M. J. B.; SILVA, T. C. Redução vocálica em postônica final. **Revista da ABRALIN**, v. 14, n. 1, p. 379-406, jan./jun. 2015. DOI <https://doi.org/10.5380/rabl.v14i1.42822>

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968]. Tradução: Marcos Bagno.

WILLEMS, E. **A aculturação dos alemães no Brasil: Estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes**. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1946.

Artigo recebido em: 21.01.2019

Artigo aprovado em: 05.03.2019